

QUILOMBO E UNIVERSIDADE: RESSONÂNCIAS EDUCACIONAIS, DIALOGIAS ENTRECruzADAS E ECOLOGIA DE SABERES NO PRESENTE HISTÓRICO

QUILOMBO AND UNIVERSITY: EDUCATIONAL RESONANCES, CROSS-DIALOGIES AND ECOLOGY OF KNOWLEDGE IN THE PRESENT HISTORY

Thais de Jesus Ferreira 1
Maria Cecília de Paula Silva 2

Resumo: Objetivou-se dialogar sobre ressonâncias educacionais decorrentes de extensão universitária em comunidades quilombolas no tempo presente, no Paraná e na Bahia. Reflexões baseadas na perspectiva educacional do Projeto de Extensão “Pertencimento e criação de saberes” da UNIRB Alagoinhas/BA, Projeto de Extensão “Memórias na Escola, Memórias na Universidade” da UFPR – litoral e ACCS Artes do Corpo e educação: criar, resistir e transformar da FAGED/UFBA. A partir do conceito ampliado de comunidade remanescente, perspectivou-se compreender possíveis reverberações educacionais de propostas interculturais presentes nestes projetos. Esta é uma pesquisa histórica do tempo presente, baseada em documentos produzidos a partir dos respectivos projetos. Das conclusões possíveis, ressalta-se a promoção de uma convivência ativa de saberes que convergem na possibilidade de criar outra lógica epistêmica na universidade. Esta ecologia de saberes oportuniza diálogos entre os saberes humanísticos e científicos produzidos pelas universidades e os saberes tradicionais provindos da cultura quilombola, em uma perspectiva intercultural.

Palavras-chave: Extensão universitária. Educação em comunidades. Educação quilombola. Ecologia de saberes.

Abstract: The research's objective was to dialogue on educational resonances arising from university extension in quilombola communities at the present time, in the Paraná and Bahia. Reflections based on the educational perspective of the extension project “Belonging and knowledge creation” UNIRB Alagoinhas/BA Extension Project “Memories at School, Memories at University” UFPR - Litoral and ACCS Body Arts and Education: Create, Resist and Transform FAGED/UFBA. Based on the expanded concept of remaining community, it was envisaged to understand possible educational reverberations of intercultural proposals present in these projects. This is a historical research of the present time, based on documents produced from the respective projects. From the possible conclusions, we emphasize the promotion of an active coexistence of knowledge that converges in the possibility of creating another epistemic logic in the university. This ecology of knowledge provides an opportunity for dialogue between the humanistic and scientific knowledge produced by the universities and the traditional knowledge coming from the Quilombola culture, in an intercultural perspective.

Keywords: University extension. Education in communities. Quilombola education. Ecology of knowledge.

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia. 1
Docente do Centro Universitário UNIRB/Alagoinhas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2038121710548754>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2149-2169>.
E-mail: thaisedfisica@hotmail.com

Pós-doutora bolsista CAPES em Sociologia e Antropologia, 2
Université de Strasbourg, França (2015-2016). Professora Associada e
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação e docente da Graduação
FAGED/UFBA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7631240054495428>. ORCID:
<https://orcid.org/0000-0002-3506-8510>.
E-mail: ceciliadepaula.ufba@gmail.com

Um diálogo inicial

O presente artigo apresenta um diálogo conceitual e temático, estabelecido entre a proposta dos projetos de extensão do Centro Universitário UNIRB, da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em específico, alguns processos desenvolvidos por estas proposições e os impactos da experiência educacional proporcionada aos envolvidos. Pautou-se na pesquisa histórica do tempo presente pela compreensão de um presente entendido por Hobsbawm (1998) como um período em que determinados eventos produzem possibilidades de rever interpretações de um passado e, sob este olhar, adquirir outra significação. Os documentos produzidos em decorrência das propostas educacionais selecionadas (projeto, relatórios, produtos derivados das propostas efetivadas) foram as principais fontes de pesquisa.

Desta forma, objetivou-se dialogar sobre a educação oportunizada pelo entrecruzar de saberes entre comunidade universitária e comunidade quilombola, presente em dois projetos de extensão e um projeto de ensino, pesquisa e extensão, apresentados e desenvolvidos no presente histórico. A presente investigação se debruça nos resultados derivados do Projeto de Extensão em comunidades quilombolas “Pertencimento e Criação de Saberes” da UNIRB Alagoinhas/Bahia, do Projeto de Extensão Universitária “Memórias na Escola, Memórias na Universidade” da UFPR – litoral do Paraná, e suas reverberações e, do Projeto de ensino, pesquisa e extensão ACCS Artes do Corpo e Educação: criar, resistir e transformar, da FACED / UFBA.

O ponto de partida da dialogia entre propostas educacionais desenvolvidas são os saberes ecológicos produzidos entre comunidades quilombolas, a comunidade do quilombo Buri (Pedrão/BA) e quilombo Cangula (Alagoinhas/BA) e a comunidade do quilombo Batuva (Guaraqueçaba/PR) e universidades, a UNIRB – Alagoinhas/BA, UFBA e a UFPR, – setor litoral/PR. Uma instituição privada e duas públicas federais.

Neste artigo, o conceito de comunidade remanescente é ampliado no sentido de englobar as diferentes experiências históricas presentes no território brasileiro. Ao se referir a quilombo as pessoas associam a esse grupo uma imagem de África recriada no Brasil, com exercício de atividades econômicas de sobrevivência e produção semelhantes (MARQUES, 2013). Entretanto, aqui, busca-se a compreensão de que:

O termo quilombo tem assumido novos significados na leitura especializada e também para grupos, indivíduos e organizações. Ainda que tenha um conceito histórico, o mesmo vem sendo ressemantizado para designar a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos do Brasil. Contemporaneamente, portanto, o termo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos da ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também, não se trata de grupos isolados ou de população estritamente homogênea [...]. A identidade desses grupos também não se define pelo tamanho e número de membros, mas pelas experiências vividas e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e de continuidade, enquanto grupo (O'DWYER, 1995, p. 1).

Os projetos com ações extensionistas aqui investigados possuem características singulares que decorrem das experiências territorializadas e expressam saberes e fazeres locais, contextualizados aos quilombos nos quais se inserem. A investigação de diferentes ações de extensão não pretende propor qualquer forma de comparação entre as experiências e seus resultados. Pretende, outrossim, promover o diálogo.

Em relação as fontes utilizadas, a pesquisa histórica do tempo presente propicia a ampliação de fontes e recursos metodológicos. A história do tempo presente incorpora fontes surgidas no mundo atual. Fontes que produzem, conforme Delgado e Ferreira (2013), “em abundância diferentes recursos documentais que enriquecem a produção do saber histórico e podem também tornar mais vivo, interessante e instigante o ensino da história” (p. 25).

Nesta investigação, optou-se, como fundamentação, o uso de fontes documentais que incorporam possibilidades e instâncias memorialísticas, coletivas e individuais, passadas oralmente de geração em geração. Foi privilegiado o uso de artigos científicos, escritos literários, relatórios de

projetos de extensão, narrativas escritas, sites institucionais, entre outros documentos.

O Projeto de Extensão em comunidades quilombolas “Pertencimento e Criação de Saberes” da UNIRB, derivou de uma parceria com a UFBA, ao ser instituição colaboradora da Ação Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS). A ACCS é um componente curricular de cursos de Graduação e de Pós-Graduação em que estudantes e professores da UFBA, em uma relação com grupos da sociedade, desenvolvem ações de extensão no âmbito da criação, tecnologia e inovação, para promover intercâmbio, reelaboração e produção de conhecimentos sobre a realidade, na intenção do desenvolvimento social.

A ACCS Artes do Corpo e Educação: criar, resistir e transformar, coordenada pela professora Maria Cecília de Paula Silva, foi realizada no segundo semestre de 2017 e escolheu como território de diálogo do conhecimento acadêmico e conhecimento das comunidades quilombolas: Buri, em Pedrão/BA e Cangula, em Alagoinhas/BA. A ACCS findou com a proposição de uma mesa temática no Fórum Social Mundial, realizado em março de 2018 (SILVA; FERREIRA, 2019).

O Projeto de Extensão em comunidades quilombolas “Pertencimento e Criação de Saberes”, foi impulsionado e criado paralelamente à ACCS em 2017 e, as proposições dialogadas entre universidade e comunidades, acontecem até o momento presente.

O Projeto de Extensão em comunidades quilombolas “Pertencimento e Criação de Saberes” apresenta um diálogo interdisciplinar e intercultural. É composto por docentes e discentes da área de ciências humanas, ciências da saúde e exatas e, é coordenado pela professora da instituição, Thais de Jesus Ferreira.

Este projeto objetivou identificar manifestações da cultura afro-brasileira em comunidades quilombolas de Alagoinhas/BA e Pedrão/BA, fornecendo elementos para a reescrita da história, compreende rupturas e/ou continuidades; silêncios e insurgências do processo de ressignificação da cultura e consolidação do campo da educação no interior da Bahia. Entende-se o modo de vida, saberes e fazeres das comunidades, como elementos que retroalimentam e constituem a tríade corpo, cultura e educação.

Por meio deste, buscou-se alternativas para o enfrentamento de problemáticas que emergem na realidade contemporânea, possibilitando um diálogo ‘sem fronteiras’ para significar esta experiência com uma práxis dialética e dialógica, participativa e compartilhada entre comunidades (docentes e discentes do Centro Universitário Regional de Alagoinhas/UNIRB e as duas comunidades quilombolas).

O Projeto de Extensão da UFPR “Memória na Escola, Memórias na Universidade”, coordenado pela professora Ana Josefina Ferrari, teve início em 2011 e finalizou-se em 2014.

O objetivo do projeto foi estreitar a distância que separa a Universidade das Comunidades rurais do município de Guaraqueçaba. Para tal, foi proposto propiciar a constituição da referência, e colocar em discurso o nome da Universidade Federal do Paraná, setor litoral, nas escolas rurais do município de Guaraqueçaba a partir de ações concretas, como: proposição de projetos de aprendizagem elaborados pelos professores do município em questão e executados com os mesmos; apresentação de diferentes projetos que se desenvolvem na universidade, especificamente no setor litoral, para os alunos que cursam as séries iniciais do Ensino Fundamental nas escolas municipais rurais e, visitas da comunidade à instituição. Nessas ações se desenvolveram diversas atividades como: apresentação de projetos, palestras, filmes, elaboração de material didático (PROEC/UFPR, 2012).

No que se refere à atuação dos estudantes extensionistas, o projeto objetivou fornecer ferramentas teórico-práticas para o trabalho com comunidades tradicionais e comunidades rurais do Litoral paranaense. Promover a reflexão nos estudantes universitários participantes do projeto sobre o papel da instituição no trabalho com populações rurais e de baixo IDH foi outra proposta do projeto (PROEC/UFPR, 2012).

Os projetos de extensão realizados em comunidades rurais, uma no litoral paranaense e outro no interior da Bahia, possibilitam compreender os caminhos da educação universitária em uma perspectiva decolonial, que reconhece diferentes saberes e experiências. Para Walsh (2017) decolonialidade é visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas.

Assim, a educação universitária em uma perspectiva intercultural e decolonial representa

uma estratégia que supõe criação e construção que pode gerar emancipação epistêmica para além da superação da descolonização. “Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 24).

Do extensionismo ao conhecimento pluriversitário: trajetórias e implicações

Acredita-se que tratar de questões de existência, pertencimento e saberes de comunidades quilombolas transcende o espaço particular e comunitário e, com isso, se possibilita resistir, (re) existir, (re)viver e/ou redimensionar significados e experiências.

Entre as possibilidades de escolha do caminhar investigativo, a história do tempo presente se tornou a mais oportuna para este estudo. Isto, porque, de forma geral, ela possibilita analisar e pesquisar experiências históricas específicas, limitadas espacialmente e passíveis de modificações. Além disso, também oportuniza trabalhar com uma pluralidade de fontes e procedimentos teórico-metodológicos. Uma das fontes principais deste estudo se refere a projetos de ensino, pesquisa e extensão em comunidades quilombolas.

O presente aqui considerado refere-se a um permanente processo de atualização do passado inscrito em experiências analisadas. Ele permite redimensionar projeções de um futuro “elaborado por sujeitos ou comunidades” (DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 25).

O tempo presente torna-se singular por incluir processos históricos recheados de experiências vivas, uma interação entre memória e história. Também pela provisoriedade do tempo, tensões e repercussões de curta duração, sujeitos históricos vivos, ativos e pela oportunidade de produzir fontes históricas no processo.

Para tanto, considera-se necessário apresentar a trajetória dos projetos de extensão e do projeto de ensino, pesquisa e extensão aqui investigados e algumas implicações destes em relação ao conhecimento pluriversitário (SANTOS, 2011).

“O conhecimento pluriversitário substitui a unilateralidade pela interatividade, uma interatividade enormemente potenciada pela revolução nas tecnologias da informação e de comunicação” (SANTOS, 2011, p. 44).

Nesta lógica, o conhecimento científico confronta-se com outros conhecimentos. Isso exige o desenvolvimento de responsabilização social das instituições. A mercantilização e a produção de conhecimento científico, economicamente útil, são contrastadas a uma universidade que ocupa espaços abertos, heterogêneos, atravessados por concepções de responsabilização social. Tal feito oportuniza gerar pressões e instabilidades das instituições que buscam, por um lado, adaptar-se às mudanças e, por outro, resistir às mudanças. Uma transformação eminentemente política (SANTOS, 2011).

O Projeto de Extensão da UFPR “Memória na Escola, Memórias na Universidade”, se propôs a ressignificar a noção de acesso à universidade que circula nesses espaços, o qual pressupõe a Universidade Pública como inacessível a estes grupos, pressupostos que surgem a partir do distanciamento que a universidade pública estabeleceu historicamente com estas comunidades e, por outro lado, pela necessidade de conhecimento dos trabalhos que se desenvolvem nas comunidades rurais (PROEC/UFPR, 2012). Uma das escolas atendidas pelo projeto foi a Escola Municipal Juvenal Xavier, localizada na área rural de Guaraqueçaba, especificamente na comunidade quilombola Batuva.

Como ações do projeto, destacam-se: proposições de projetos de aprendizagem elaborados pelos professores do município; apresentação de diferentes projetos que se desenvolvem na universidade; e visitas da comunidade à instituição. Algumas atividades foram desenvolvidas, tais como: palestras, filmes, elaboração de material didático e organização de um livro.

O livro “Minha triste, alegre história de Vida”, de Ilton Gonçalves da Silva¹, foi organizado pela professora Ana Josefina Ferrari e é fruto da interação proporcionada pelos Projetos de Extensão Universitária “Memória na Escola, Memórias na Universidade”, e de Permanência Universitária “Memórias de Guaraqueçaba” da UFPR litoral, ambos coordenados pela professora Ana Josefina

¹ Ilton Gonçalves da Silva, líder do Quilombo Batuva. Professor, poeta e representante das comunidades quilombolas do município de Guaraqueçaba, Paraná.

Ferrari. Sua publicação aconteceu em 2013, o livro completa a coleção do ProJovem Campo – Saberes da Terra. A obra apresenta a história de um líder comunitário e educador, que tem sua história de vida implicada na diáspora e, conseqüentemente, na história dos quilombos.

O Projeto ACCS FSM – Artes do Corpo e Educação: criar, resistir, transformar foi desenvolvido nos anos de 2017 e 2018 na UFBA em parceria com a UNIRB e objetivou organizar e desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão em um diálogo permanente entre Universidade e comunidades quilombolas. A proposta pressupunha desenvolver, organizar e apresentar diversas atividades na universidade e nas comunidades de destino. E, como culminância, organizar algumas atividades de cunho extensionista nas comunidades quilombolas para apresentação no Fórum Social Mundial, ocorrido em Salvador, Bahia, Brasil, em março de 2018 (SILVA, FERREIRA, 2019).

O projeto considerou relevante “trazer a cena um patrimônio artístico-cultural vivo e significativo na dinâmica de comunidades tradicionais e a necessidade de qualificar o saber advindo dessas manifestações” (Projeto ACCS Artes do corpo e educação: criar, resistir, transformar).

De perspectiva interdisciplinar, o projeto pretendeu desvelar valorosos conhecimentos para as ciências humanas, educação e arte, bem como outras áreas do conhecimento. A dimensão do corpo e cultura, por meio de manifestações da história e cultura afro-brasileira em comunidades centenárias quilombolas foi privilegiada, a partir da Bahia. Em especial o samba de roda, capoeira e o batuque desenvolvido nas comunidades de Buri e Cangula.

Como ressonâncias dialógicas, o projeto oportunizou o fornecimento de elementos para a re-escrita da história, rupturas e continuidades, silêncios, transplantes culturais no processo de constituição da cultura e consolidação do campo da educação na Bahia. “O caráter inovador insere-se, de forma central, pelas questões relacionadas aos corpos e às culturas de comunidades centenárias como forma de criação, reinvenção e transformação social, por meio da educação (SILVA, 2017).

A seguir, apresenta-se como relato alguns encontros significativos para o projeto. O primeiro reuniu as universidades (UNIRB/UFBA) e ambas as comunidades quilombolas no quilombo Cangula durante todo o dia, com desfile da Beleza Negra e encontro de Samba de Roda dos quilombos. Este momento proporcionou uma rica experiência de conhecimentos múltiplos entre realidades diversas.

O Fórum Social Mundial 2018, em Salvador, foi outro momento de culminância do projeto. Centralmente, buscou-se o diálogo entre os saberes das comunidades com os saberes acadêmicos e institucionais, no sentido de ressignificar a práxis pedagógica dos docentes e, finalmente, a apresentação desta proposta coletiva no Fórum Social Mundial 2018, na UFBA, Salvador/BA (SILVA; FERREIRA, 2019).

O Projeto “Pertencimento e criação de saberes” da UNIRB iniciou com reuniões no Centro Universitário, entre docentes da instituição e lideranças e representações dos quilombos. A extensão em comunidades diferencia-se, pela liberdade na escolha do loco pesquisado, no caso, o quilombo Buri no município de Pedrão – BA e o quilombo Cangula no município de Alagoinhas – BA, na definição de ações teórico-práticas e na experimentação de procedimentos metodológicos.

A proposição inicial foi uma aproximação no sentido da escuta das demandas das comunidades, para reunir lideranças e representantes de quilombos com docentes da instituição para dialogar acerca das demandas das comunidades. Posteriormente, foram realizadas visitas às comunidades para reconhecer o local, contatar com os moradores e as culturas locais.

Na universidade, o trabalho pedagógico buscou direcionar a discussão para os problemas da sociedade atual e de especificidades que chamam atenção relacionada à população negra, majoritária nestas comunidades, os embates e conflitos atuais. Neste processo, foram identificados discentes quilombolas na instituição.

O projeto conseguiu apreender saberes diversos e, como resultados, diversas culminâncias do mesmos, no quilombo Cangula, quilombo Buri, na UNIRB e na UFBA.

Igualmente significativa foi a visita dos docentes da instituição UNIRB no quilombo Buri, durante a Jornada Pedagógica, no início do semestre de 2019, como parte do processo de formação continuada. Neste momento, foram realizadas visitas as casas de todos os moradores antigos do quilombo e, em um processo de escuta, foram ouvidos os contos, rezas, cantos e estórias de encantos da comunidade Buri. Do encontro dos docentes com representantes da comunidade

quilombola, foram criadas diferentes proposições, nas áreas da saúde, humanas e exatas.

Como uma das proposições deste projeto, destaca-se a participação das lideranças do quilombo Buri e Cangula em ações na instituição, comunicando os saberes das comunidades e compartilhando espaços de produção de conhecimento. Em 2019, a líder do Buri, Angelica Maria Ferreira de Souza² palestrou e propôs uma oficina de samba de roda aos discentes da instituição. Do mesmo modo, Claudemir da Paixão Carvalho³, líder do Cangula, participou de rodas de conversa sobre questões étnico raciais, em especial, para discorrer sobre a cultura quilombola.

Além destes momentos, outros aconteceram, dialogando os saberes das comunidades com saberes acadêmicos. Oportunizou, igualmente, ações interdepartamentais entre o colegiado de educação física, direito, psicologia, nutrição e farmácia. Esta interação de áreas diferentes e de saberes diversos foram imprescindíveis no atendimento às demandas das comunidades quilombolas. As dialogias entrecruzadas entre quilombos e instituição propiciaram a ecologia dos saberes e a produção de interconhecimento. Reuniões entre a universidade e comunidades acontecem periodicamente para estabelecer a criação de novas proposições.

As proposições dos projetos de extensão de diferentes universidades, públicas e privada, expressam entrecruzadas ao apresentar a busca pelo compartilhamento de saberes em uma perspectiva dialógica entre quilombos e instituição. Entender os processos de aprendizagem em ações extensionistas a partir da descolonização dos saberes e do fortalecimento do conhecimento pluriversitário possibilita o encontro com o novo, com novas formas de produção de saberes, que reconhecem e visibilizam diferentes epistemologias.

Diálogos ecológicos-decoloniais e corporgrafias quilombolas

Considerou-se estes projetos, inseridos nas Epistemologias do Sul (SANTOS, 2010), por estarem baseados no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos, a ciência moderna e interações sustentáveis e dinâmicas entre eles, sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes entende que o conhecimento é interconhecimento.

O conceito de ecologia de saberes, cunhado por Santos (2010), é demarcado pelas linhas cartográficas abissais que separavam o Velho e o Novo Mundo, na era colonial, subsistem estruturalmente no pensamento moderno ocidental e permanecem constitutivas das relações políticas e culturais excludentes, mantidas mundialmente no presente. Ele entende a injustiça social global associada à injustiça cognitiva global, e, por isso, a luta por justiça social global requer a construção de um pensamento pós-abissal. E a conscientização de nossos corpos e culturas.

Os diálogos ecológicos-decoloniais, na perspectiva do pensamento pós abissal, sugerem o respeito às diferenças culturais e epistemológicas, a valoração dos saberes de experiência dos sujeitos e, a não dicotomização do conhecimento, cultura e poder. Neste sentido, cabe se respaldar em Paulo Freire como a gênese da educação intercultural e decolonial no Brasil, alicerçados na sua pedagogia pautada no fazer político-pedagógico e na crença de que não há prática social mais política do que a prática educativa.

As práticas sociais das comunidades sugerem o fortalecimento das suas culturas, como forma de luta política, transformação social e legitimação de saberes. Essas práticas sociais importam, pois elas dão sentido e ressignificam a educação no ensino superior, pois é geradora de consciência crítica (FREIRE, 2011) da história e amplia a leitura de mundo dos sujeitos envolvidos nos processos.

Nos projetos de extensão, dialogou-se diferentes culturas quilombolas a partir das implicações corporificadas e expressas no/pelo sensível. Entende-se que nossa existência é corporal e que o corpo é a profusão do sensível (LE BRETON, 2016). Para tanto, buscou-se compreender as comunidades quilombolas como um conjunto de significações e valores, que possuem maneiras particulares de criar relações com o mundo e de se posicionar e expressar-se nele. O modo como os povos tradicionais se relacionam com o mundo é significado pela decolonialidade e pela interculturalidade, que desvelam produção de saberes outros.

2 Angélica Maria Ferreira de Souza é líder do Quilombo Buri, município de Pedrão, Bahia. Pedagoga, aluna especial do mestrado em Crítica Cultural - UNEB e representante do grupo de samba de roda Raízes do Quilombo (depoimento registrado em setembro de 2019).

3 Claudemir da Paixão Carvalho é líder do Quilombo do Cangula, município de Alagoinhas, Bahia. Graduando em Licenciatura em História – UNEB (depoimento registrado em setembro de 2019).

Para Le Breton (2006, p. 70), “o corpo metaforiza o social, o social metaforiza o corpo”. No corpo as possibilidades sociais e culturais se desenvolvem. Corpos e culturas entrelaçados criam marcas, identidades, culturas, memórias e histórias. As memórias e histórias dos remanescentes de povos escravizados desvelam marcas, cultura e identidade que foram por muito tempo invisibilizadas pelas lógicas coloniais e eurocêntricas de produzir conhecimento.

Para tanto, foi eleito o conceito de corpografia, entendendo que sua definição revela uma cartografia corporal que parte da premissa de que a experiência fica inscrita, em diferentes escalas de temporalidade, no corpo daquele que experimenta e, por este motivo, também o define (BRITTO, 2008). A corpografia é a memória inscrita no corpo. Os povos quilombolas possuem inscrições históricas no corpo e memórias que os identificam e os constituem na coletividade como quilombos. As escrituras corporais de povos quilombolas reúnem percepções sensoriais, significações e valores que na coletividade criam cartografias territoriais.

Para Le Breton (2016), mesmo se o mapa não é mais o território onde vivem os homens, ele informa sobre eles, lembra as linhas de força e constrói um espelho que o afasta e aproxima do outro. Assim, os povos quilombolas reconhecem sua identidade, afirmam o pertencimento e desvelam a historicidade da diáspora africana na coletividade das comunidades.

A diáspora, para Gilroy (2012), significa a captura, a travessia, a chegada a um novo ambiente e consequente adaptação e entende ser imperativo impedir que a diáspora se torne apenas sinônimo de movimento. Sob a ideia chave da diáspora, nós poderemos então ver não a ‘raça’, e sim “formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem” (GILROY, 2012, p. 25).

Pensar a diáspora, nesta perspectiva, significa reconhecer os diferentes territórios quilombolas aqui apresentados e suas formas particulares de organização e expressão cultural. Munanga (2012), afirma que o grau de consciência e os processos de construção identitária de negros não é idêntico, pois todos vivem em contextos socioculturais diferentes. Como é o caso dos projetos de extensão aqui apresentados, desenvolvidos em diferentes contextos – Paraná e Bahia.

“O processo de construção de identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre ‘nós’ e ‘outros’” (MUNANGA, 2012, p. 11). Para Kabenguele Munanga, a busca da afirmação da identidade cultural e consequentemente da negritude, como ação política, requer o diálogo com outros povos e culturas. A questão é contribuir para a construção de uma nova sociedade, na qual todos tenham seu lugar de fala e reconhecimento (MUNANGA, 2012).

Neste sentido, compreende-se a responsabilização social da extensão universitária na construção da nova sociedade. O deslocamento da universidade para as comunidades pode transformar o conhecimento a respeito delas, reconhecer a distância entre os conhecimentos acadêmicos e os comunitários e dialogá-los, aproximá-los e entrecruzá-los.

A realização dos projetos de extensão possibilitaram a desconstrução da lógica eurocêntrica de pensar e produzir conhecimento e ressignificaram saberes no tempo presente. Na perspectiva da ecologia de saberes, os projetos em foco possibilitaram traduzir as corpografias quilombolas e estabelecer o entrecruzamento dos saberes acadêmicos, de forma a dar sentido às práxis pedagógicas nas instituições propositoras dos projetos.

As reflexões dos envolvidos no projeto podem nos aproximar do seu loco - a tríade corpo, cultura e educação como central para uma proposição educacional que perspective a emancipação social.

O diálogo oportunizado entre os conhecimentos de comunidades específicas e o acadêmico, desenvolvido de forma tradicional nas Universidades pode indicar pistas para uma proposição educativa que promova a emancipação humana e social.

Considera-se que o foco na experiência obtida nestas diferentes vivências, dos projetos de extensão da UNIRB, UFBA e UFPR, com as comunidades quilombolas de Pedrão/BA e de Alagoinhas/BA e, de Guaraqueçaba/PR, num diálogo com os conhecimentos acadêmicos, oportuniza a construção de uma práxis pedagógica e educacional significativa e comprometida.

Assim, propõem-se o diálogo ecológico e decolonial dos protagonistas dos projetos de extensão, representantes das comunidades e docentes, que constituem seus saberes e práxis com base nas experiências e vivências possibilitadas pela extensão universitária. Elaborar um projeto

em que o ser humano é compreendido como central no processo formativo e definido como ser corporal e cultural sugere darmos visibilidade as suas vozes, saberes e fazeres.

Vozes, saberes e fazeres entrecruzados

Os diálogos ecológicos-decoloniais aqui apresentados traduzem as ações dos projetos de extensão universitária e os processos de compartilhamento de experiências e saberes. “A ecologia de saberes, é por assim dizer, uma forma de extensão ao contrário, de fora da universidade para dentro da universidade. Consiste na promoção de diálogos entre o saber científico e saberes tradicionais” (SANTOS, 2011, p. 75-76).

O projeto de extensão da UNIRB, preocupado com processos de responsabilidade social e com a participação ativa em lutas contra a exclusão social e em defesa da diversidade cultural, em especial nos quilombos, propôs uma aproximação das comunidades do Buri e Cangula por ações específicas, no sentido da escuta, de silenciar falas acadêmicas e iluminar saberes quilombolas, as quais possibilitaram a abertura para os encontros e interações que aconteceram na instituição e nos quilombos.

Conforme depoimento, que compõe o relatório de 2019, do projeto de extensão da UNIRB, o líder do quilombo Cangula, Claudemir da Paixão Carvalho relata:

O projeto de extensão quebra aquele tabu entre comunidade e universidade, nos empoderando e nos incentivando a utilizar e ocupar o nosso espaço. Quando as instituições apostam no quilombo é muito bom, é crucial para ajudar a melhorar o desenvolvimento (UNIRB, 2019).

A líder do quilombo Buri, Angélica Maria Ferreira de Souza coaduna com Claudemir ao afirmar que:

Entendo o projeto de extensão, como algo que contribui para que os povos tradicionais – quilombolas, tenham espaço de fala dentro das instituições. Pudemos estreitar os laços comunidade versus universidade, que em outros tempos era impossibilitada esta convivência (UNIRB, 2019).

Angélica ressalta que as ações realizadas contribuíram para dar visibilidade ao quilombo, tanto no sentido de existência territorial quanto na legitimação dos saberes quilombolas. Além disso, Angélica afirma que o projeto contribuiu para os quilombolas perceberem que essa troca de informação é importante. A líder acredita que as dialogias possibilitadas pela extensão empoderaram outros representantes do quilombo, afirmando sua cultura e as lógicas de pertencimento (UNIRB, 2019).

Do mesmo modo, o Projeto “Memórias na escola, memórias na universidade” da UFPR, promoveu diálogos entre a academia e comunidade do Batuva, ao possibilitar que as interações pedagógicas entre universidade e escola quilombola produzissem conhecimento em uma perspectiva decolonial. Para Ferrari (2016):

Batuva é um espaço no qual circulam e se entrecruzam memórias. Memórias oficiais e memórias não oficiais. Memórias reconhecidas historicamente e memórias desconhecidas, perdidas na densa mata. A memória é o espaço onde se entrecruzam, de modo distante, a vida das comunidades que habitam o longínquo território chamado Batuva (FERRARI, 2016, p.57).

Para a professora Ana Josefina, também coordenadora do projeto de extensão da UFPR litoral, muitas memórias do quilombo Batuva eram invisibilizadas e, antes de iniciar os projetos de extensão na comunidade, o único texto em circulação sobre o Batuva era o texto publicado no relatório da fundação Clovis Moura, intitulado Terra e Cidadania (ITCG, 2008).

Antes de iniciar os trabalhos com os diferentes projetos que coordenei na comunidade, essa era a situação. Ela está mudando a partir de algumas produções que são feitas em conjunto com a comunidade. É indiscutível que a história desta comunidade forma parte da história do Brasil, uma história que está sendo reconstruída a partir de diferentes levantamentos e sistematizações já que sua história e cultura, em muitas ainda, transmitem-se de modo oral de geração em geração (FERRARI, 2016, p. 60-61).

Ferrari (2016) ressalta que nos processos de aproximação e na constituição do arquivo da comunidade várias vozes foram ouvidas, a voz das leis e decretos, a voz das fundações representantes do governo, a voz da universidade e a voz dos quilombolas. “Nesse conjunto de vozes podemos diferenciar diferentes grupos: a) as que falam sobre o quilombo; b) as do quilombo; c) as que falam sobre o que se fala no quilombo” (FERRARI, 2016, p. 61).

As vozes, originadas em contextos díspares são importantes para entender os processos culturais e de construção de saberes sobre os quilombos, em especial a voz das comunidades. O livro “Minha triste alegre história de vida” de Ilton Gonçalves da Silva, fruto do projeto de extensão da UFPR litoral, é “um deslocamento histórico importante, um movimento na história. [...] Hoje ouvimos, uma voz que diz ‘eu sou quilombola’. [...] Uma fala sem mediações” (FERRARI, 2013, p. 19).

O livro em questão, respeita e reconhece as expressões e a organização sintática dos textos e poesias escritas por professor Ilton, líder do quilombo Batuva, que ora relata sobre o seu passado e o passado da comunidade e ora apresenta as esperanças e necessidades do quilombo, com vistas ao futuro. No livro, além das poesias e histórias, são apresentados depoimentos sobre o professor e sua experiência de vida, implicada na comunidade.

O diálogo proposto pelos projetos de extensão aqui descritos, são baseados no interconhecimento, no qual o entrecruzamento das vozes, saberes e fazeres produzem novas epistemologias. Cabe reconhecer que as ações extensionistas são processos de construção de conhecimento coletivos e de ressignificação das culturas.

A extensão, precisa apresentar preocupação com a lógica de responsabilidade e compromisso social, na qual as trocas e compartilhamentos sejam significativos para as comunidades e universidade. Essa qualidade valida a existência e permanência dos projetos.

Neste sentido, destacam-se os depoimentos de docentes do Centro Universitário UNIRB/Alagoinhas para refletir sobre os impactos da implicação docente na extensão universitária. Professor Márcio Santos da Conceição⁴ comenta que:

A primeira vez que eu fui à comunidade quilombola eu tinha muitos conceitos acadêmicos sobre o que é ser quilombola, o que é um quilombo e tomei um choque. Precisamos superar o abismo entre os dois territórios, o acadêmico e o das comunidades. O campo transforma, o contato com os quilombos permitiu reconhecer o distanciamento de saberes, pois os conceitos produzidos dentro do mundo universitário diferem das comunidades. O projeto de extensão é uma concretização da experiência da ecologia dos saberes, um lugar onde a comunidade acadêmica ouve e aprende com as comunidades. [...] Enquanto professor, enquanto educador, que trabalho com as questões étnico-raciais, essa aproximação me fez pensar dois elementos muito importantes, primeiro, a necessidade da descolonização da academia, da Universidade [...] e, segundo, de pensar nas práticas educativas a partir dessa realidade (UNIRB, 2019).

4 Márcio Santos da Conceição. Docente da UNIRB/Alagoinhas. Doutorando em Letras Crítica Cultural – UNEB. Mestre em Letras Crítica Cultural – UNEB. Mestre em Teologia, Escola Superior de Teologia/RS. Especialista em Estudos Linguísticos e Literários, Faculdade Santíssimo Sacramento. Graduado em Letras/Francês – UNEB.

O professor acredita que é imprescindível o diálogo entre aquilo que a gente determinou ser científico e aquilo chamamos de senso comum. Esta é a ecologia de saberes, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos, e um deles é a ciência moderna, e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia (SANTOS, 2011). Entende-se que é uma ecologia, pois se baseia na ideia de que o conhecimento é interconhecimento. O depoimento do docente Djair Silva⁵ reafirma o exposto ao entender o deslocamento conceitual e a necessidade de dissipar o estranhamento da comunidade versus universidade:

O projeto nos deu condições de ter um contato não só a partir de referências teóricas, mas com observação participante. Foi estabelecida uma troca de informação entre todos os sujeitos, nós pesquisadores da UNIRB e, a própria comunidade quilombola. A extensão possibilitou a troca de saberes para as culturas se entrelaçarem e saírem do processo de estranhamento e, partir para os processos de reconhecimento entre as partes. Eles tem tradições, costumes, eles tem processos e práticas sociais que nos ajudam muito, até mesmo para relativizar os nossos saberes. A extensão possibilitou troca de saberes, importante não apenas do ponto de vista acadêmico, mas do ponto de vista do nosso processo de humanização da pesquisa e da ciência (UNIRB, 2019).

A extensão aproximou o debate com as relações étnico-raciais e territórios quilombolas, impulsionou reflexões sobre a descolonização dos saberes na academia, ao adentrar nas comunidades, e a necessidade de se transformar, a partir destes novos conhecimentos. As ações extensionistas ressignificaram a práxis pedagógica dos docentes.

A reforma da universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no currículo e nas carreiras dos docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural (SANTOS, 2011, p.73).

No projeto, foram promovidas e organizadas interações a partir de ações como oficinas, rodas de conversa, apresentações e exposições que contemplassem a dinâmica entre os corpos e culturas em e de comunidades quilombolas, expressas pelas manifestações de dança, capoeira, festas, teatro, o que constituiu um diferencial em relação a componentes curriculares convencionais. Este movimento prático e as diferentes áreas envolvidas oportunizaram novos recortes e uma compreensão ampliada do educar.

Cabe reforçar a convicção de que aprofundar a interação com a realidade, o nosso presente histórico em contraste a outros momentos é importante fonte de transformação da práxis pedagógica docente. A realização do projeto de extensão da UNIRB possibilitou e possibilita a desconstrução da lógica eurocêntrica de pensar e produzir conhecimento e, ressignifica os saberes no tempo presente. O extensionismo produz interconhecimento e as interações comunidade e universidade são potenciais processos abertos de produção de cultura.

“As atividades de extensão devem ter como objetivo prioritário [...], o apoio solidário na resolução dos problemas da exclusão e da discriminação sociais e de tal modo que nele se dê voz a grupos excluídos e discriminados” (SANTOS, 2011, p.74). Os projetos de extensão acima descritos buscam colaborar com o desenvolvimento das comunidades quilombolas, pois reconhecem que as políticas públicas são insuficientes ou inexistentes. Ressalta-se a importância de pensar as comunidades quilombolas como lugares de (re)existência, em especial no cenário político atual.

5 Djair Silva. Docente da UNIRB/Alagoínhas. Mestre em História dos Espaços – UFRN. Especialista em Administração de Marketing e Comércio Exterior – Universidade Católica do MT. Graduado em Economia – UFPB.

Os projetos de extensão contribuem para o desenvolvimento social, ao mesmo tempo em que contribuem para a reforma e transformação da universidade, pois são considerados indissociáveis do ensino e da pesquisa nas instituições, como é o caso da ACCS, projeto da FAGED/UFBA que envolve de Ensino, Pesquisa e Extensão.

O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão reflete um conceito de qualidade do trabalho acadêmico que favorece a aproximação entre universidade e sociedade, a auto-reflexão crítica, a emancipação teórica e prática dos estudantes e o significado social do trabalho acadêmico (ANDES, 2003, p.30).

Santos (2011) acredita que em uma sociedade, cuja qualidade de vida é baseada em configurações cada vez mais complexas de produção de saberes, a legitimidade da universidade só será cumprida quando as atividades ditas de extensão, forem tão aprofundadas que desapareçam como tais e passem a integrar atividades de ensino e pesquisa.

Na ACCS “Artes do Corpo e Educação: criar, resistir e transformar” a interligação de saberes entre ensino, pesquisa e extensão deu sentido aos objetivos e intencionalidades da existência da ação curricular na universidade e comunidade. Na busca de tratar da tríade corpo, cultura e educação no projeto, foi exercitada e sensibilizada a escuta e observações, com o foco nas experiências e vivências das comunidades tradicionais e os conhecimentos acadêmicos, em uma perspectiva dialógica e decolonial. Conforme depoimento de Djair, docente envolvido na ACCS:

Não basta apenas apresentar os conteúdos, os currículos, as ementas e pensar num processo de aprendizagem sem participação. (...) Nesse contato com as comunidades quilombolas, entendemos que é possível aprender com a prática do outro. Então, podemos pensar o estudante como o outro no processo de ensino, com suas experiências, com suas vivências, com suas práticas, com suas histórias e, isso é importante para a construção do conhecimento em sala de aula. Porque a forma de fazer extensão e pesquisa, ajuda na forma de fazer ensino em sala de aula (UNIRB, 2019).

A transformação do fazer pedagógico em sala de aula só é possível quando relacionamos nossa ação docente a questões globais, ao explorar a história e a cultura brasileira, suas expressões corporais artísticas e religiosas, suas peculiaridades, dificuldades e potencialidades locais.

A práxis da ACCS Artes do Corpo e Educação: criar, resistir e transformar exigiu rever interpretações dominantes na educação e na historiografia, compreender processos de inovação e transformação no campo político e social. Para tanto, coube registrar, ouvir e dialogar culturas silenciadas de nosso povo, histórias de resistência que produziram e produzem lutas e ampliamos nossas possibilidades de entender o ensino, pesquisa e extensão na universidade.

Como culminância da ACCS, foi apresentado no Fórum Social Mundial (UFBA, Salvador, BA, março de 2018) uma Mesa Temática em que as comunidades quilombolas e os docentes e discentes da UFBA e UNIRB puderam expor alguns dos resultados dessa interação. Ressalta-se que, o foco central foram as falas e experiências das comunidades quilombolas (SILVA, FERREIRA, 2019).

Compreendeu-se a urgência de pensar a universidade a partir do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Para tanto, precisa-se superar as dicotomias que emergem das práticas pedagógicas que tentam articular ensino e extensão, mas que a pesquisa e produção de conhecimento científico inexistem, ou então, a articulação entre extensão e pesquisa, na qual os processos de ensino são excluídos.

A ACCS “Artes do Corpo e Educação: criar, resistir e transformar” contemplou ações nas comunidades e universidade, como forma de ensino e extensão e, produziu conhecimento científico, no âmbito da pesquisa, reafirmando a indissociabilidade da tríade ensino, pesquisa e extensão. Os Projetos de Extensão “Pertencimento e Criação de Saberes” da UNIRB e “Memória na Escola, Memórias na Universidade” da UFPR propuseram ações no âmbito da extensão que reverberaram na prática pedagógica dos docentes, ressignificando o ensino e, impulsionaram os processos de pesquisa nas universidades.

Cabe reforçar a convicção de que o aprofundamento, o reconhecimento e a interação de vozes, saberes e fazeres entre quilombos e universidade no nosso presente histórico (em contraste a outros momentos) é transformador. A educação baseada na ecologia de saberes e em dialogias entrecruzadas pode transformar a universidade em um espaço de interconhecimento, onde todos podem intervir e produzir saberes.

As ressonâncias educacionais das ações que envolvem ensino, pesquisa e extensão em comunidades quilombolas, podem dissipar formas de injustiça social e cognitiva transformando-as em produção de conhecimento transepistemológico.

Diálogos Finais

Dos diálogos finais, ressalta-se que as proposições dos projetos de extensão de diferentes universidades, públicas e privadas, expressam entrecruzados explicitados pelo compartilhamento de saberes em uma perspectiva dialógica entre quilombos e instituição. Entendeu-se os processos de aprendizagem em ações extensionistas a partir da descolonização dos saberes e do fortalecimento do conhecimento pluriversitário.

Desta forma, é proposto o diálogo ecológico e decolonial dos protagonistas dos projetos de extensão, representantes das comunidades e docentes das instituições, que constituem seus saberes e práxis com base nas experiências e vivências possibilitadas pela extensão universitária.

Reforça-se a convicção de que, no tempo presente, o aprofundamento, o reconhecimento e a interação entre quilombos e universidade são transformadores. A educação baseada na ecologia de saberes pode transformar a universidade em um espaço de interconhecimento, onde todos podem intervir e produzir saberes.

Cabe ressaltar a promoção de uma convivência ativa de saberes que convergem na possibilidade de criar outra lógica epistêmica na universidade. Esta ecologia oportuniza diálogos entre os saberes humanísticos e científicos produzidos pelas universidades e os saberes tradicionais provindos da cultura quilombola.

Por fim, acredita-se nas ressonâncias educacionais de uma pedagogia pautada no fazer político-pedagógico nas universidades, em que o ser humano deve ser compreendido como central no processo formativo e definido como ser corporal e cultural o que sugere visibilidade em suas vozes, saberes e fazeres. Entendendo que a prática educativa é uma prática social política e, no contexto político atual é imprescindível resistir.

Referências

ANDES-SN. Proposta do ANDES-SN para a Universidade Brasileira. **Cadernos ANDES** nº 2. 3. ed. atualizada e revisada. Brasília: ANDES-SN, 2003.

BRITTO, Fabiana Dultra. **Cenografias e Corpografias urbanas: um diálogo entre corpo e cidade**. Cadernos PPG/AU UFBA. Volume 7. UFBA, 2008.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente e ensino de história**. In: Revista História Hoje, v. 2, n. 4, 2013. (p. 19-34). (<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/viewFile/90/70>).

FERRARI, Ana Josefina. Batuva: seu arquivo e sua memória. In: **O mar como fronteira, o mar como barreira**. Tom UFPR, v.2, nº4. Curitiba, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Prefácio, 2001.

HOBSBAWM, Eric. O presente como história. In: **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p. 243-255.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MARQUES, Sonia Maria dos Santos. Comunidades quilombolas e direitos sociais: modos de fazer, criar e viver. In: **Memórias dos povos do campo no Paraná – centro sul**. Curitiba: ITCG, 2013.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

O'DWYER, Eliane Cantarino (Org). **Terra de quilombos**. ABA- Decânia CFCH/UFRJ, Rio de Janeiro: 1995.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Os quilombos e as fronteiras da antropologia**. Antropolítica (UFF), v. 19, p. 91-111, 2005.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, v.26, n.01, p.15-40. Belo Horizonte. Abr. 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Ilton Gonçalves da. **Minha Triste Alegre História de Vida**. Organização: Ana Josefina Ferrari. UFPR litoral, 2013.

SILVA, Maria Cecília de Paula. **Projeto de Extensão UFBA**. Salvador: UFBA. 2017.

SILVA, Maria Cecília de Paula; FERREIRA, Thais de Jesus. Corpografias quilombolas e educação para emancipação na extensão universitária e no FSM 2018. In: **Experiências em ensino, pesquisa e extensão na universidade: caminhos e perspectivas**. Fortaleza: Imprece, 2019.

UNIRB. Pró-reitoria de extensão universitária. **Relatório do Projeto de Extensão em Comunidades Quilombolas Pertencimento e Criação de Saberes**. Alagoinhas, BA, 2019.

WALSH, Catherine. Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. In **Pedagogias Decoloniales: práticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Equador, 2017.

Recebido em 01 de março de 2020.

Aceito em 19 de março de 2020.